

O BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Eliana André Santana¹
Isabel Cristina Rufino²
Jóici Pinheiro da Silva³
Raquel de Almeida Santos⁴

RESUMO: Este artigo discute a importância do brincar para o desenvolvimento infantil, do ponto de vista cultural e histórico de Vigotski. Esta é uma discussão sobre a experiência lúdica com crianças e adultos durante a Semana Mundial do Brincar de 2016 e sua relação com a formação de professores. Contrariando as noções simplistas de brincar de hoje, Aliança Pela Infância chama a atenção dos adultos para as culturas, formas de ser e estar no mundo da infância, a partir de pesquisas e debates realizados por especialistas em infância de diferentes áreas do conhecimento: educação, antropologia, medicina, psicologia, educação física, entre outros.

Palavras chave: Brincadeira. Desenvolvimento Infantil. Perspectiva histórico cultural.

1344

ABSTRACT: This article discusses the importance of playing for child development, from Vygotsky's cultural and historical point of view. This is a discussion about the playful experience with children and adults during the 2016 World Play Week and its relationship with teacher training. Contrary to today's simplistic notions of playing, Aliança pela Infância draws adults' attention to cultures, ways of being and being in the world of childhood, based on research and debates carried out by childhood specialists from different areas of knowledge: education, anthropology, medicine, psychology, physical education, among others.

Keywords: Play. Child development. Cultural historical perspective.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR, Graduada 2^a Licenciatura em Geografia pela FAVENI, Especialista em Psicopedagogia Clínica, Institucional e Educação Especial pela FAVENI, Especialista em Gestão Pública e Gestão de Pessoas pela FAVENI.

² Graduada em Matemática pelo Centro Universitário – UNIVAG, Graduada em Pedagogia pela Braz Cubas Centro Universitário, Especialista em Matemática pelo Centro Universitário – UNIVAG. Especialista em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci.

³ Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Ariquemes – FIAR.

⁴ Graduada em Pedagogia pela Universidade de Várzea Grande – UNIVAG. Especialista em Educação Infantil pela Faculdade Afirmativo.

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, quando indagamos às pessoas sobre o que é infância ou criança, geralmente, a primeira ideia/imagem que surge na mente dos adultos é a imagem de uma pessoa com pouca idade brincando. Prestes e Tunes (2012, p. 13) dizem que “a brincadeira de faz de conta é tida como sinônimo de criança feliz; a criança que não brinca tem problemas, é infeliz”.

Essa idéia é tão presente na sociedade atual desde a Modernidade (ARIÈS, 1981), que, atualmente, não se duvida que a brincadeira se constitui numa atividade espontânea da criança, que precisa ser garantida por todos os adultos, visto que se tornou um direito de toda criança através da Declaração dos Direitos da Criança, estabelecida em 1959.

Este artigo aborda a temática da brincadeira, de modo especial a brincadeira livre e sua relação com o desenvolvimento emocional, cognitivo, físico e simbólico da criança.

Nas últimas décadas, muitos estudos têm se voltado para a temática do brincar a partir de diferentes enfoques teórico-metodológicos, ressaltando o papel dos adultos de criarem e ofertarem contextos favoráveis para o desenvolvimento das brincadeiras. As crianças estão tendo, cada vez, menos tempo e espaços para brincar em casa, na rua, nos parques etc., em função da preocupação dos adultos de maneira precoce colocá-las no universo escolar e/ou limitar suas experiências a ambientes de aprendizagem direcionada.

O artigo está organizado com a finalidade de atingir o objetivo de estabelecer um diálogo entre o lugar do brincar no desenvolvimento das crianças e as ações que a Aliança Pela Infância tem realizado. Nesse sentido, abordamos a concepção de brincar e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança a partir da abordagem histórico-cultural; na sequência, fazemos uma breve discussão acerca do brincar na Educação Infantil.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. A Teoria Histórico-Cultural e a brincadeira

O debate acerca da relação entre a brincadeira e o desenvolvimento na perspectiva histórico-cultural no Brasil tem como referência o capítulo 7 do livro: “A Formação Social da Mente”, cujo título é “O papel do brinquedo no desenvolvimento”, da primeira edição

brasileira data de 1984. De acordo com Prestes e Tunes (2012), o conteúdo do capítulo é muito diferente do texto original de Vigotski, podendo ser dito, até, que é outro texto.

Em 2008, no Brasil, no entanto, tem-se a possibilidade de ler e estudar o único texto desse autor que discutiu em profundidade a temática do brincar, traduzido do russo para o português pela professora Zoia Prestes, onde o termo “brinquedo” é traduzido por “brincadeira”, sendo o título “A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança” (VIGOTSKI, 2008).

O texto em português que está sendo apresentado nesta revista é inédito e foi traduzido do original, publicado no livro *Psikhologia Razvitia Rebionka* (2004). Trata-se de uma palestra estenografada, proferida em 1933, no Instituto Gertsen de Pedagogia, de Leningrado. Por isso, no texto, aparecem formas estilísticas próprias da fala, que optamos por manter do modo como estavam (PRESTE, 2008, p. 23).

Vigotski (2008) estuda acerca desses dois aspectos da brincadeira: gênese e função. Como a brincadeira surge ao longo do desenvolvimento e qual é o seu papel no desenvolvimento infantil são as questões que movem as suas reflexões.

Vigotski (2008) discute a influência da brincadeira de faz-de-conta no desenvolvimento da criança em idade pré-escolar, argumentando acerca da sua função de impulsionar funções do desenvolvimento psíquico, na medida em que a concebe como “a principal linha de desenvolvimento” (VIGOTSKI, 2008, p. 24).

Vigotski (2008) diz que a brincadeira estaria associada à satisfação por dois motivos: (a) porque existem outras atividades que despertam satisfação, como chupar o dedo, por exemplo; e (b) porque os resultados da brincadeira podem não mostrar-se interessantes para a criança.

São aquelas que prevalecem no final da idade pré-escolar e no início da idade escolar e que trazem satisfação somente quando seu resultado revela-se interessante para a criança; é o caso, por exemplo, dos jogos esportivos (jogos esportivos não são apenas os que envolvem atividade física, mas também os que são relacionados a resultados, premiações). Muito freqüentemente, eles são tingidos de um sentimento agudo de insatisfação quando o seu término é desfavorável para a criança (VIGOTSKI, 2008, p. 23).

Para Vigotski (2008), o mais importante não é a satisfação que a criança sente ao brincar, porque em algumas brincadeiras a criança não sente satisfação; o que interessa é a o sentido da brincadeira para a criança. Prestes e Tunes (2012, p. 16) dizem que o que interessa para a criança é: “o sentido objetivo da atividade que se realiza

inconscientemente pela criança e para a criança, ou seja, o próprio processo da brincadeira”.

Vigotski (2008) critica o direcionamento ou à didatização da brincadeira pelo adulto, uma vez que essa postura desconsidera o desejo da criança de brincar. Nas palavras de Vigotski (2008, p. 24): “[...] recusar-se a admitir o modo como nela as necessidades da criança se realizam, os impulsos para a sua atividade, isto é, seus impulsos afetivos”. Os temas das brincadeiras são situações reais, mas que não podem ser vividas por ela naquele instante. Então, a criança cria a situação imaginária para experienciar simbolicamente aquela situação.

Para Vigotski (2008, p. 24) a gênese da brincadeira está na realização dos desejos não-realizáveis. “É disso que surge a brincadeira, que deve ser sempre entendida como uma realização imaginária e ilusória de desejos irrealizáveis, diante da pergunta “por que a criança brinca?”.

O bebê e da criança muito pequena, ao brincarem, não diferenciam a situação imaginária da situação real porque tudo para eles é real, é verdadeiro.

Na primeira infância, a criança manifesta a tendência para a resolução e a satisfação imediata de seus desejos. O adiamento da realização de seus desejos é difícil para a criança pequena, pode ser possível somente em limites bem estreitos; não se conhece uma criança de até três anos que tenha um desejo de fazer algo depois de alguns dias (VIGOTSKI, 2008, p. 26).

1347

Na idade pré-escolar, a brincadeira tem um elemento novo, que estava ausente anteriormente: a imaginação. Acerca da relação entre imaginação e brincadeira, Vigotski (2009, p. 17) afirma que: “A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas”.

[...] esses elementos da experiência anterior nunca se reproduzem na brincadeira, exatamente como ocorreram na realidade. E continua: É uma combinação dessas impressões, e baseada nelas, a construção de uma realidade nova que responde às aspirações e aos anseios da criança (VIGOTSKI, 2009, p. 17).

Nesse sentido, a realidade é ressignificada, ganha uma nova interpretação por parte da criança alimentada e alimentando a imaginação.

A imaginação é a origem não somente da brincadeira, mas de toda atividade criadora humana. A base da atividade criadora é a capacidade de fazer uma construção de elementos, combinando o que já existe de outros modos. A atividade criadora mantém

uma relação estreita com a realidade vivenciada, na medida em que combina elementos de experiências anteriores dando-lhes um novo sentido àquilo já existente. A imaginação se apóia na experiência e a experiência se apóia na imaginação.

Os primeiros processos de criação acontecem quando as crianças brincam. Ao construírem o enredo, as personagens e o cenário, as crianças introduzem elementos novos, que não estavam presentes nas experiências passadas, reinventando a realidade para dela se apropriarem.

Desse modo, a brincadeira, longe de ser um mero passatempo, é fonte de desenvolvimento da criança a partir de dois anos de idade. Por isso, ela é considerada uma “atividade guia”.

[...] a maior contribuição de Leontiev para a discussão a respeito da brincadeira da criança seja, exatamente, a ênfase na atividade. Para ele, conhecer o mundo não é uma simples assimilação passiva dos objetos ou da experiência humana. Conhece-se o mundo em atividade (PRESTES E TUNES, 2012, p. 19).

Nesse sentido, baseado nos estudos de Vigotski, Leontiev desenvolve o conceito de atividade guia, sendo esta.

[...] uma atividade que com seu desenvolvimento determina as transformações mais importantes nos processos psíquicos e psicológicos da personalidade da criança, em certo estágio de desenvolvimento (LEONTIEV, 2005, p. 98 apud PRESTES e TUNES, 2012, p. 190).

Para Prestes (2012), a atividade guia desempenha uma função primordial nas transformações do psiquismo da criança. É ela que é a responsável por guiar o desenvolvimento psicológico da criança, pois que carrega elementos estruturais que impulsionam o desenvolvimento gerando neoformações. Nesse sentido, o autor considera que a brincadeira abre portas para o desenvolvimento de uma importante função psicológica superior tipicamente humana: a imaginação.

É possível dizer que o ato de brincar não depende de a criança ter disponíveis para ela brinquedos sofisticados e ou tecnológicos; a criança necessita apenas de um ambiente que a desafie a criar. Cabe aos adultos, como elementos do ambiente, ofertar tempos, espaços e objetos pouco estruturados, como tecidos, potes, caixas etc.

A relação entre a brincadeira e desenvolvimento deve ser comparada com a relação entre a instrução e o desenvolvimento. Por trás da brincadeira estão as alterações das necessidades e as alterações de caráter mais geral da consciência. A

brincadeira é fonte do desenvolvimento e cria a Zona de Desenvolvimento Iminente (VIGOTSKI, 2008, p. 35).

A brincadeira de faz de conta é uma modalidade de atividade que vai criar a “Zona de Desenvolvimento Iminente” - ZDI, contexto possível para o desenvolvimento das funções psicológicas que estão em amadurecimento. A brincadeira da criança na idade pré-escolar possibilita o salto no desenvolvimento, mas não na perspectiva determinista.

Na brincadeira a criança se comporta além de sua idade, agindo ou falando de modos que habitualmente não fazem parte de seu repertório.

Na brincadeira, a criança está sempre acima da média da sua idade, acima de seu comportamento cotidiano; na brincadeira, é como se a criança estivesse numa altura equivalente a uma cabeça acima da sua própria altura (VIGOTSKI, 2008, p. 35).

Terminada a brincadeira, a criança pode ou não incorporar esses comportamentos e pensamentos ao seu repertório. A ZDI é, portanto, um contexto de possibilidades.

Diante do que foi exposto, pode-se dizer que existem dois aspectos importantes na brincadeira para o desenvolvimento infantil: as transformações cognitivas, pois surgem novas funções psíquicas, como a imaginação; e o desenvolvimento afetivo, pois a criança aprende a lidar com os desejos irrealizáveis.

Vigotski forneceu as bases teóricas para a valorização do brincar na infância, enfatizando-a como contexto importante de aprendizagem e desenvolvimento.

2.2. O brincar e a Educação Infantil

Nas últimas décadas, o tempo e o espaço destinados às crianças foram bastante modificados devido a vários fenômenos: a violência, a presença de estranhos, drogas, atividades ilícitas, tráfego de veículos, entre outros fatores que parecem ser ameaças universais no mundo moderno.

Como consequência desses fenômenos, alguns, predominantes em meios urbanos, as brincadeiras foram deslocadas de fora para dentro, principalmente para ambientes educação coletiva. As crianças perderam o espaço externo, o espaço público urbano se tornou menos utilizado e acessível (KARSTEN e VLIET, 2006 apud COTRIM e BICHARA, 2013).

Diversos estudos têm se pautado nessa abordagem para investigar como as brincadeiras acontecem em ambientes de educação coletiva, como creches e pré-escolas (BORBA, 2007; SILVA, 2013; WAJSKOP, 2007).

Moyles (2002) comenta que diversos estudos têm apresentado evidências de que as brincadeiras podem ser enriquecidas com a intervenção dos adultos. Desse modo, as instituições de educação infantil que respeitam os direitos e as necessidades das crianças não podem deixar de incluir o brincar em seu currículo, inserindo-a no planejamento pedagógico e disponibilizando tempos, espaços e materiais para potencializar as brincadeiras. A educação, na perspectiva histórico-cultural tem sido referência teórica para a produção de documentos orientadores e normativos. Neste artigo, são destacados os mais referendados: O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil e as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil.

O documento produzido pelo MEC no período pós LDB, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil - RCNEI (BRASIL, 1998, p. 21), ressalta a importância no brincar em diversas partes dos três volumes que o compõe. Destacamos o trecho a seguir no qual são apontados alguns “benefícios” dessa atividade:

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais.

As Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), que têm caráter normativo, respeitam o direito à brincadeira e também lhe conferem destaque como um dos eixos de trabalho, como pode ser visto nos artigos 8º e 9º, respectivamente:

Art. 8º A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. Art. 9º As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira.

De acordo com Fortuna (2004), é difícil para as professoras e os professores da Educação Infantil utilizar a brincadeira na rotina sem utilizar a didatização ou no

abandono por completo. É comum encontrarmos a didatização da brincadeira na sala de atividades e o brincar sem a intervenção/ mediação do adulto nas áreas externas da instituição, como pátio e parque.

Outro problema diz respeito aos tempos do brincar: geralmente, as crianças brincam nos intervalos das atividades dirigidas, no recreio ou no “dia do brinquedo”.

2.3. O brincar e a Aliança Pela Infância

A Aliança Pela Infância é de um movimento internacional de valorização das infâncias e crianças, que nasceu na Inglaterra e nos Estados Unidos. Inicialmente, tratava de um grupo de educadores preocupados em ampliar as oportunidades das crianças em vivenciar o melhor da sua infância, dando início ao movimento em defesa da infância. Dados esses retirados do site oficial da Aliança.

As iniciativas da Aliança tem bases a Carta de Princípios elaborada no início do movimento. Esse documento trata acerca da concepção do tempo de infância; as necessidades das crianças; e os direitos das crianças.

No Brasil, o movimento chegou em 2001 por meio do trabalho da educadora Ute Craemer, primeiramente em São Paulo/SP e Botucatu/SP, espalhando-se por vários municípios e formando núcleos locais.

De acordo com o artigo intitulado Aliança pela Infância - Projeto Responsabilidade Social oficial da Aliança disponível no site <https://www.terraviva.agr.br/alianca-pela-infancia>, diz que:

A Aliança acolhe a todos que se sentem sintonizados com sua Carta de Princípios. E respeita os limites e qualificações de cada membro. Isso significa que cada um colabora de acordo com suas possibilidades e a partir de seus talentos e áreas de interesse. No Brasil, a Aliança pela Infância escolheu uma maneira bastante peculiar de desenvolver seu trabalho de defesa da infância. Foi adotada a ideia de rede, com grupos organizados, ou núcleos, que reúnem pessoas, das mais diversas áreas sintonizadas com os princípios do movimento. Os Voluntários – educadores, profissionais da saúde, artistas – são responsáveis, em cada localidade, pela coordenação e realização das campanhas, projetos, programas de formação e ações de políticas públicas da Aliança.

O núcleo em Juiz de Fora surgiu no ano de 2007, no Encontro Internacional da Aliança pela Infância que aconteceu em São Paulo, com representantes de diversas partes do mundo. Atualmente existem 32 núcleos espalhados pelas regiões do Brasil.

Em 2009 diversos fatos solificaram esse movimento no Brasil: a Aliança Pela Infância criou uma gestão nacional; foi formulada a Campanha Semana Mundial do Brincar, com debates e reflexões no espaço virtual; foram realizados oito Fóruns Permanentes em parceria com a UMAPAZ, no município de São Paulo; aconteceu um Encontro Nacional com a presença de todos os representantes dos núcleos da Aliança pela Infância no Brasil; a Aliança Pela Infância tornou-se parte do Grupo Gestor da Rede Nacional Primeira Infância (RNPI).

Atualmente, uma das ações mais importantes da Aliança é a Semana Mundial do Brincar (SMB) que teve a sua primeira edição em 2010. A SMB acontece uma vez por ano, na última semana do mês de maio, em comemoração ao Dia Internacional do Brincar, que ocorre no dia 28 de maio de cada ano.

A partir do estudo dos textos de Vigotski acerca do papel da brincadeira no desenvolvimento infantil (VIGOTSKI, 2008) e o papel do meio no desenvolvimento infantil (VIGOTSKI, 2010), para redimensionar o olhar para o brincar das crianças na creche e pensar esse espaço como um elemento pedagógico (MOREIRA, 2011; MOREIRA e SOUZA, 2016).

A Semana Mundial do Brincar de 2016, teve como tema: “O brincar que encanta o lugar”, na qual foram realizadas atividades com adultos, no formato de oficinas com o objetivo de propiciar vivências e reflexões acerca do brincar como atividade que nos constitui como humanos.

Segundo Friedman (2016, p. 21), o brincar que encanta o lugar que a Aliança Pela Infância propõe é “o autêntico encantamento que a linguagem do brincar propõe, das formas mais simples, inusitadas, espontâneas e muito profundas nas vidas das crianças”.

No encerramento da Semana Mundial do Brincar - SMB teve oficina de brinquedos, circo, brincadeiras diversas, cantigas de roda e casinha de boneca. As atividades permitiram o brincar, a troca de saberes e a reflexão crítica acerca o papel da brincadeira no desenvolvimento infantil.

As atividades propostas foram pensadas com base na Carta dos Princípios, destacamos o respeito dos adultos às necessidades das crianças: tempo para brincar, limites que a protejam, tempo para observar e liberdade para a sua criatividade.

O pensamento consistia em encantar todos os lugares os quais as crianças estivessem assegurando a liberdade para brincar e se desenvolver.

A contribuição da Semana Mundial do Brincar - SMB para a formação docente, através das vivências e reflexões ampliaram os conhecimentos acerca da brincadeira na vida das crianças chamando a atenção para o papel dos adultos de promotores de ambientes físicos e afetivos seguros para que a criança possa se desenvolver de modo pleno.

CONCLUSÃO

Este artigo teve como objetivo discutir a importância da brincadeira no desenvolvimento infantil, com base na perspectiva histórico cultural de Vigotski, bem como estabelecendo um diálogo com a vivência da Semana Mundial do Brincar (SMB) realizada pelo movimento Aliança Pela Infância no Brasil.

Desse modo argumentamos, a partir do referencial teórico, a acerca do valor do brincar para o desenvolvimento dos aspectos o cognitivo, social, físico e emocional da criança, e sinalizar para a necessidade de debater esse tema junto aos profissionais que atuam na educação infantil.

Acreditamos que as reflexões teóricas e a experiência na Semana Mundial do Brincar (SMB) aqui debatidas permitam colaborar com outros estudos para que possam valorar ainda mais as práticas do brincar nos diversos ambientes quer sejam pelas crianças e adultos.

1353

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BORBA, Ângela M. **Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar**. Tese de doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, Niterói, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional de educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998b. 3v.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

FORTUNA, Tânia Ramos. **O brincar na Educação Infantil**. Pátio Educação Infantil. Porto Alegre. Ano 1, n. 3, dez/2003-mar/2004.

FRIEDMAN, A. **Brincar é reencantar a infância**. Semana Mundial do Brincar: Guia 2016. Aliança Pela Infância.

MOREIRA, A. R. C. P. **Ambientes da infância e formação do educador: arranjo espacial no berçário**. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MOREIRA, A. R. C. P.; SOUZA, T. N. **Ambiente Pedagógico na Educação Infantil e a Contribuição da Psicologia**. Revista Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 20, Número 2, Maio/Agosto de 2016: 229- 237.

MOYLES, R. J. **Só brincar? O papel do brincar na Educação Infantil**. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

PRESTES, Zoia. **A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança**. Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais ISSN: 1808-6535, 2008. Disponível <https://isabeladominici.files.wordpress.com>. Acesso em 09/03/2022.

PRESTES, Z. **Quando não é quase a mesma coisa**. Traduções de Lev Semionovich Vigotski. Campinas/SP: Autores Associados, 2012.

PRESTES, Z.; TUNES, E. **A brincadeira infantil na perspectiva históricocultural**. In: ANDRADE, D. B. S. F.; LOPES, J. J. M. *Infâncias e crianças: lugares em diálogos* (org.) Cuiabá: EDUFMT, 2012.

1354

SILVA, J. R. **A brincadeira na Educação Infantil (3 a 5 anos): uma experiência de pesquisa e intervenção**. Educ. rev., Curitiba , n. 47, p. 340, Mar. 2013.

VIGOTSKI, L. S. **A brincadeira e seu papel no desenvolvimento psíquico da criança**. Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais. Jun. 2008.

_____. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

_____. **Lev Semionovich. Quarta aula: a questão do meio na pedagogia**. Psicologia USP, São Paulo, v.21, n.4, p. 681-701, 2010. (Texto original de 1935).

VYGOTSKY, L. S. **O papel do brinquedo no desenvolvimento**. In: *A formação social da mente*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1984.

WAJSKOP, G. **Brincar na pré-escola**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.